

**ENTRE FRAGMENTOS E RUÍNAS:
O. G. Rego de Carvalho e os dilemas intelectuais de uma geração¹**

José Maria Vieira de Andrade

Licenciado e Mestre em História pela Universidade Federal do Piauí. Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Professor Assistente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia – UFMA/Campus de Grajaú.

RESUMO

Neste trabalho, discute-se sobre a atuação e a produção intelectual do literato Orlando Geraldo Rego de Carvalho enquanto pretexto para pensarmos os dilemas culturais vivenciados ou experimentados pela sociedade teresinense na metade do século XX. Procurando descortinar os nexos essenciais existentes entre as transformações urbanas ocorridas nessa época e a experiência intelectual protagonizada por O. G. Rego de Carvalho, analisa-se nesse estudo, como o referido literato pensou e registrou em seus textos, as tensões, os conflitos e os paradoxos vivenciados pela sociedade local, entre o final dos anos quarenta e início da década de sessenta. Em meio às questões centrais discutidas, enfatiza-se, primeiramente, as polêmicas e os debates em torno das mudanças ocorridas nas sociabilidades urbanas e, a relação existente entre essas mudanças e os projetos de renovação da produção literária, elaborados pelos homens de letras. Em seguida, a partir de uma análise da trilogia ficcional do literato, analisa-se a sensação de dilaceramento e de perda das referências vivenciados por esses indivíduos, bem como o esforço empreendido por eles para, através da ficção, tentar descortinar uma experiência narrativa transcendental e salvadora. Depois de percorridos essa diversidade de textos, evidencia-se que, de modo geral, a atuação e a produção intelectual de O. G. Rego de Carvalho, traduziu-se enquanto registros de uma experiência histórica de perda e fragmentação que procurava fazer das mudanças ocorridas no período e da passagem do tempo algo menos corrosivo e destruidor.

Palavras-chave: História; Literatura; Experiência Urbana; O. G. Rego de Carvalho.

**BETWEEN FRAGMENTS AND RUINS:
O. G. Rego de Carvalho and the intellectual dilemmas of a generation**

ABSTRACT

This paper, we discuss about the performance and intellectual production of literary Orlando Geraldo Rego de Carvalho as a pretext to think the experienced or cultural dilemmas experienced by Teresina society in the mid-twentieth century. Looking uncover existing essential links between urban transformations that occurred at that time and intellectual experience starring O G Rego de Carvalho, is analyzed in this study, as said literary thought and recorded in his texts, tensions, conflicts and paradoxes experienced by local society, between the late forties and early sixties. Among the key issues discussed, we emphasize, first, the controversies and debates around the changes in urban sociability, and the relationship between these changes and renovation projects of literary production, produced by men of letters. Then

¹ Este texto corresponde a um pequeno fragmento da discussão desenvolvida na dissertação de mestrado, defendida em 2009, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí, intitulada *Entre narrativas e fragmentos: História, Literatura e Experiência Urbana em O. G. Rego de Carvalho*.

Entre fragmentos e ruínas:
O. G. Rego de Carvalho e os dilemas intelectuais de uma geração¹
José Maria Vieira de Andrade

, from an analysis of the fictional trilogy of literary, analyzes the feeling of tearing and loss of references experienced by these individuals as well as the efforts made by them to, through fiction, trying to figure out a transcendental narrative experience and saving. After traveling this diversity of texts, it is evident that, in general, the performance and intellectual production O. G. Rego de Carvalho, resulted in records as a historical experience of loss and fragmentation that sought to make the changes in the period and the passage of time something less corrosive and destructive.

Keywords: History; Literature; Urban Experience; O. G. Rego de Carvalho.

INTRODUÇÃO

O período compreendido entre o final dos anos quarenta e a o início da década de sessenta do século XX corresponde a um momento da história nacional fortemente marcado por significativas transformações culturais, em grande parte, impulsionadas pela crença de que o mundo precisava ser repensado, nos mais diferentes campos da esfera social, de modo a incorporar as novas demandas trazidas pelo tempo de paz.

Nesse clima de euforia, a palavra “novo” passou a ser o principal aliado dos projetos culturais elaborados para o país, na época, usada não só para pleitear as iniciativas destinadas à construção de um “Novo Mundo”, quanto para dizer que tudo mais também deveria ser “novo”: bossa nova, cinema novo, nova capital, etc. No meio literário teresinense esse momento de euforia foi acompanhado da emergência de diversos grupos de jovens interessados em assumir a vanguarda do processo de transformação social, através de uma intensa e diversificada atuação no meio intelectual da cidade.

O. G. Rego de Carvalho, Manuel Paulo Nunes e Hindemburgo Dobal foram alguns desses personagens que, ao lado de outros estudantes da capital, ensaiaram seus primeiros passos no mundo das letras e se empenharam em traduzir, através de seus escritos, as angústias de um tempo de transição e renovação².

Alguns desses personagens eram homens vindos do seio de famílias tradicionais, emigrantes de outros municípios do estado, os quais logo cedo tiveram que abandonar a tranquilidade da cidade natal em busca de novas possibilidades na capital. Ante a sensação de deslumbramento diante dos encantos da nova cidade, esses jovens além de darem andamento as suas respectivas formação acadêmicas, vivenciaram outras intensas emoções, algumas delas escolhidas por eles como matéria-prima de seu fazer literário, a exemplo do

² Parte dessa mobilização se deu ainda no final dos anos quarenta e se prolongou por quase toda a década de 1950, dando origem não só à formação de diversas entidades representativas quanto de acirrados debates na imprensa local.

que ocorreu com Orlando Geraldo Rego de Carvalho, ao deixar Oeiras, sua cidade natal, em 1942.

DESENVOLVIMENTO

Uma das principais marcas da atuação intelectual de O. G. Rego de Carvalho, bem como de parte de seus contemporâneos, no interior desse quadro, talvez tenha sido a de terem assumido um compromisso com o projeto literário idealizado naquele momento e ensaiado um processo de renovação da produção literária piauiense por meio de diversas iniciativas no campo intelectual, sintonizadas com os anseios de mudança e com os desejos de construção de uma nova sociedade, compartilhados pelos demais segmentos sociais da época.

Entretanto, uma análise mais precisa dos diversos registros dessa atuação, especialmente daqueles voltados diretamente para a contribuição dos principais líderes vanguardistas da geração, ajuda a descortinar o fato de que a movimentação cultural protagonizada por eles, ao menos em relação às propostas de inovação estética, não ocorreu de forma pacífica ou homogênea. Em vez disso, terminou concentrando em torno de si uma grande variedade de tensões, polêmicas e conflitos em torno do debate sobre que projeto modernista deveria orientar ou fundamentar o “novo espírito” a ser adotado por eles no campo literário.

Embora, por um lado, quase todos os integrantes das iniciativas criadas estivessem movidos pelo forte desejo de finalmente realizar um “Movimento Modernista” na cidade, por outro, não conseguiram chegar a um consenso sobre quais modelos estéticos deveriam orientar ou deveriam ser tomados como parâmetro para a renovação literária que pretendiam realizar.

Foi em meio a essas inquietações que esse grupo de jovens criou a revista literária *Caderno de Letras Meridiano*, iniciativa que deveria agregar correntes intelectuais de diferentes características, mas quase todas movidas pelo mesmo espírito e pelo mesmo desejo de mudança. Inspirados na movimentação ocorrida no campo literário brasileiro até então, a revista deveria funcionar como um espaço onde os “novos” de Teresina poderiam finalmente mostrar sua “bravura e fidelidade à literatura do Estado” (JORNAL O PIAUÍ, 1949, p.3).

Conforme atesta a lista dos autores que participaram do primeiro volume publicado, a revista contou, além da contribuição dos três idealizadores (O. G. Rego, Dobal

Entre fragmentos e ruínas:
O. G. Rego de Carvalho e os dilemas intelectuais de uma geração¹
José Maria Vieira de Andrade

e Paulo Nunes), com a colaboração de grande parte dos indivíduos do meio intelectual local, tais como Da Costa Andrade, com o soneto “Fria”, Clemente Fortes e José Virgílio da Rocha, com o artigo “Casualidade Social”, e Edson Regis, orientador do *Correio das Artes* da Paraíba, com o poema “A todos os homens”. E para dar uma dimensão mais cosmopolita à publicação, foram veiculados também textos de T. S. Eliot e de John Steinbeck.

De modo geral, a criação da revista pode ser entendida como a busca por uma estética cultural que possibilitasse, no campo das letras, um lugar que em outra dimensão a cidade provinciana, em constante transformação, deveria alcançar em termos sociais. Não obstante, foi também uma iniciativa que concentrou em torno de si grande parte dos paradoxos enfrentados por aqueles indivíduos, conforme traduz as tensões presentes nos textos de autoria dos próprios organizadores, como é o caso dos experimentos e dos ensaios poéticos de H. Dobal e da crítica literária de Paulo Nunes.

Tendo em vista esses registros, enquanto para Dobal *o novo espírito* das letras se fazia pela busca de um poema capaz de expressar uma arte “universal”, Nunes aponta em uma direção aparentemente inversa, fazendo a exaltação de uma proposta fortemente ligada à necessidade de se expressarem as particularidades de cada região.

Os paradoxos do espírito modernista da geração do *Meridiano* estiveram presentes também no terceiro e último volume da revista, que no caso ficou sob a responsabilidade de O. G. Rego de Carvalho que, por sua vez, aproveitou a edição para fazer uma homenagem póstuma ao poeta amarantino Alberto da Costa e Silva, falecido naquele mesmo ano (1950). No editorial, o responsável pelo periódico ressaltou algumas das razões para aquela homenagem, e, entre os demais argumentos, dizia: “Falecido sobre outros céus, na grata evolução de um outro sonho errante, Da Costa e Silva tem agora, de rapazes do Piauí, esta homenagem”. E logo adiante acrescentava:

Durante meses ausentes da cidade das letras, reaparece, à procura de um cantinho de estante, nossa pequena revista, com esta edição especialmente dedicada à divulgação da poesia nacional: Da Costa e Silva. Sensibilizados pelo acolhimento da crítica, que desde o primeiro número nos viu com simpatia, arrojam-nos a um empreendimento de maior vulto, **para de todo não deixar esquecido** [grifo nosso] o grande e magoado cantor de Verônica. [...] Da Costa e Silva Morreu contudo no mais acabrunhador esquecimento, em meio às sombras de um mundo fantástico e irreal. Diante de tão inexplicável silêncio, quer “Meridiano” prestar um tributo de saudade e carinho àquele que, mesmo na adversidade, sempre trazia no coração o amor à sua terra [...] (CARVALHO, 1950, p.5).

O *Meridiano*, assim, encerrava suas atividades. (...) De manifesto em favor de uma nova geração, a revista terminou, paradoxalmente, servindo de espaço destinado a “salvar

Entre fragmentos e ruínas:
O. G. Rego de Carvalho e os dilemas intelectuais de uma geração¹
José Maria Vieira de Andrade

do esquecimento” um dos maiores nomes da geração anterior, um poeta acadêmico, um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras, adepto de uma poesia predominantemente parnasiana e simbolista, portanto, alguém que, em muitos aspectos, poderia ser considerado como sinônimo da anti-proposta inovadora do *Meridiano*.

Mas, a exemplo do que nos dizem os registros de Dobal e Nunes, nas edições anteriores, a fala de O. G. Rego, ao tentar justificar a homenagem feita ao poeta da geração anterior, argumentando principalmente que se tratava de um esforço para “de todo não deixar esquecido o grande cantor de Verônica”, traduz mais uma vez que, mesmo agonizando, o *Meridiano* mostrava-se ainda antenado com aquele mesmo espírito de tensão presente no discurso de seus contemporâneos: a busca por uma experiência distintiva de tempo e de espaço em meio ao transitório e ao fugidio. Por outro lado, serve para lembrar também que, conforme destaca Perrone-Moisés, “em todos os períodos de mutação, o que está morrendo é mais visível do que o que está despontando” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.207).

Enfim, encerrar o Caderno de Letras Meridiano com uma homenagem póstuma, talvez tenha sido a forma mais sintomática que os jovens daquela geração encontraram para traduzir a sensação de estarem experimentando um momento muito particular, marcado pelo drama de viver entre o “crepúsculo e o despertar” (PAZ, 1993, p.53); a sensação de, ao mesmo tempo, estarem assistindo ao fim de uma geração e a angústia frente ao compromisso de tentar descortinar uma nova experiência que pudesse preencher o vazio deixado pela geração do poeta amarantino.

Esse mesmo espírito paradoxal está presente na produção ficcional elaborada nesse período, cujo ponto máximo parece ter sido a trilogia ficcional de O. G. Rego de Carvalho. Essa trilogia está constituída, primeiramente, por *Ulisses entre o amor e a morte*, livro que narra, em primeira pessoa, alguns episódios da infância e da adolescência de *Ulisses*, personagem protagonista e narrador do romance, entre as cidades de Oeiras e Teresina. O texto foi escrito e publicado entre o final dos anos quarenta e os primeiros anos da década de 1950, mais precisamente quando O. G. Rego de Carvalho estava entre os dezenove e vinte e três anos de idade, vivendo o calor das agitações e transformações culturais que se processavam em Teresina na metade do século XX.

Portanto, trata-se de um texto que, em termos gerais, narra uma estória que guarda certas semelhanças com a própria trajetória pessoal vivenciada por O. G. Rego de Carvalho enquanto sujeito urbano, filho de outra cidade, mas obrigado a construir seu lar em um espaço mais promissor. Trata-se de um texto bastante significativo para pensarmos como o

próprio escritor teria experimentado as transformações históricas ocorridas no momento em que o texto foi escrito e publicado, sobretudo aqueles que sinalizam em direção à sensação de perdas vividas e/ou experienciadas por ele durante aquele período.

Uma das perdas de que essa ficção procura dar conta relaciona-se às próprias mudanças ocorridas no espaço urbano da cidade de Teresina, a qual, no início da década de cinquenta, foi palco de muitas alterações, e, aos olhos do escritor, não mais possuía a mesma atmosfera sentimental que, outrora, ele havia experimentado. O autor, portanto, tenta em *Ulisses entre o amor e a morte*, reencontrar, nas recordações de sua cidade natal, e de uma infância perdida, a Teresina de um outro tempo, que também sentia estar perdendo, mas, em contrapartida, esperava poder ainda alcançar através da ficção, sobretudo, por meio das imagens de uma cidade labiríntica, redescoberta pelo olhar de um sujeito que se faz novamente criança e adolescente.

Conforme podemos observar na própria configuração estrutural da narrativa, organizada em pequenos capítulos independentes (que não seguem uma sequência rígida), O. G. Rego de Carvalho nega-se a pensar o espaço urbano como totalidade. Seu texto não descreve nem a população, nem a cidade (BEJAMIN, 1989, p.116), ao contrário, dissolve uma na imagem da outra, por meio de cortes seletivos, procurando flagrar analogias, convergências e divergências, incorporando diferenças e especificações imprevisíveis e espontâneas que marcam para o autor a identidade do espaço citadino.

De modo geral, a viagem tecida por *Ulisses entre o amor e a morte* não apresenta um final ou um desfecho conclusivo, ao contrário, permanece em aberto, como se procurasse deixar claro para o leitor que o texto faz parte de um projeto ainda inacabado, fruto de uma experiência inacabada da qual o seu autor, por sua vez, também faria parte.

Dissolvidas em uma narrativa constituída de fragmentos de uma vivência individual infato-juvenil, Oeiras e Teresina de outrora são nesse texto mais do que simples referências aos lugares por onde esteve o escritor alegorista. São signos portadores de um mistério, de um “segredo”, fazendo de *Ulisses entre o amor e a morte* “um canto”, um “palpitar macio de pétala ou de asa abandonada”, conforme atesta a epígrafe que antecede o enredo do livro e, de certo modo, também o sintetiza³.

Situação bem diferente se passou com os outros dois livros do autor, *Somos todos inocentes* e *Rio Subterrâneo*, ambos escritos no período em que O. G. Rego de Carvalho estava morando no Rio de Janeiro, para onde havia se transferido no final do ano de 1957. *Somos todos inocentes* narra a história de uma cidade dissolvida em torno de um drama familiar e um

³ Um pequeno fragmento extraído de um soneto de H. Dobal, intitulado *Os amantes*.

conflito amoroso vivido entre jovens pertencentes a famílias tradicionais e rivais de Oeiras, nos idos de 1929.

Nessa obra, o autor deixa um pouco de lado alguns elementos formais e estruturais presentes no primeiro livro, a exemplo da narrativa autobiográfica. Embora O. G. Rego continue obcecado por imagens ou recordações do passado, sobretudo por aquelas que apontam em direção à sua cidade natal, em *Somos todos inocentes* não pensa a cidade de Oeiras com a mesma nostalgia que, outrora, se fez presente na elaboração da narrativa de Ulisses. A experiência urbana narrada nesse outro romance, por sua vez, não se apresenta sob a ótica do olhar infantil, carregado de “doçura e encantamento” esboçado no livro anterior, mas marcado por uma atmosfera predominante ressentida e melancólica, numa alegoria urbana onde a terra natal do escritor aparece travestida sob “a imagem de um edifício em ruínas, marcado pela história e pela morte” (GAGNEBIN, 1999, p.46), um mundo do qual o literato parece tentar se desprender e, ao mesmo tempo, fazer ruir.

Em sua narrativa O. G. Rego reinventa a Oeiras de 1929 sob as imagens de uma cidade dissolvida nas armadilhas de uma vida matizada, cheia de sutilezas e ambiguidades, “tão plena de casualidades e desafios” que colocam o homem frente a seus próprios limites e à mercê das forças rigorosas das estruturas e das circunstâncias”. “Assim, é Oeiras”, cidade “parada no tempo”, dividida em torno de um dilema amoroso entre a suave Dulce, “uma autêntica Barbosa, escrava de suas virtudes e em fidelidade as costumes dominantes”, e Raul, “um Ribeiro da gema”, herdeiro da família do Sobrado, “prisioneiro dos impulsos masculinos e do pecado” (QUEIROZ, 2006, p.60).

O. G. Rego de Carvalho celebra ou contempla um mundo em ruínas, constituído tanto de preconceitos sociais quanto de uma fisionomia urbana e decadente, sitiadas entre morros, prédios antigos e casas distantes, jazendo em “plenilúnio” com suas “cores amortecidas e seu aspecto melancólico de abandono”. Na Oeiras de *Somos todos inocentes*, “tudo era diferente de outros lugares”, cidade aferrada aos “preconceitos daquela sociedade provinciana, orgulhosa de suas tradições, de suas ruínas, de seus sobrados, e até de seus doidos” (CARVALHO, 2003, p. 178).

Em *Somos todos inocentes*, a cidade, bem como o passado, apresentam-se como um espaço labiríntico, como um enigma cuja decifração se torna fulcral para a existência presente e futura do homem. Uma parte significativa da narrativa se concentra em torno da realização de uma festa na casa dos Ribeiros, para comemorar o retorno de *Raul*, que acabara de voltar do Rio de Janeiro, onde se formara em medicina. A solenidade contou com a presença de *Dulce*, que havia conseguido autorização da mãe para ir á festa, mesmo

Entre fragmentos e ruínas:
O. G. Rego de Carvalho e os dilemas intelectuais de uma geração¹
José Maria Vieira de Andrade

sem o consentimento do pai, *José*, que naquela noite se encontrava na “Selga”. A noite, porém, acaba tendo um desfecho trágico, pois, ao retornar para casa, *Dulce* encontra o pai, que resolvera voltar antes do previsto, agonizando no leito de morte após sofrer um acidente na viagem de volta. Não resistindo à gravidade dos ferimentos, *José* falece nessa mesma noite, deixando a filha entre lamentos de culpa e arrependimento, temendo que o pai tivesse morrido de desgosto por ela ter ido à festa na casa dos “inimigos”.

Somos todos inocentes descreve, assim, um embate, em que, de um lado, estaria uma sociedade ainda presa às tradições seculares, e de outro, essa mesma sociedade marcada pela presença de um patente desejo de mudança, tal qual o expresso nas possibilidades de união entre os dois personagens protagonistas. O texto concentra-se numa expectativa constante de que, a qualquer momento, os jovens conseguirão consumir uma união capaz de pôr fim à rivalidade que há anos divide a cidade e separa suas famílias.

São esperanças que, pouco a pouco, vão sendo minadas por uma sucessão de incidentes que, cada vez mais, se configuram como empecilho à união do casal: a morte do pai de *Dulce*; o namoro do rapaz com *Maria do Amparo*; a gravidez e o aborto de *Pedrina*, jovem de família humilde que fora “seduzida” por *Raul*. Tais incidentes não somente inviabilizam uma reaproximação entre *Dulce* e *Raul*, como diminuem cada vez mais as possibilidades dos personagens conseguirem suplantar os “preconceitos” sociais que desde muito tempo regem as relações sociais na cidade ou, ao menos, de reaver os “erros do passado”, especialmente daqueles que outrora teriam sido a causa central da rivalidade entre as duas famílias.

Não obstante, há também, ao longo de toda a narrativa, uma interrogação sobre os acontecimentos, acompanhada de uma resignação perante o efeito destruidor do tempo, conforme podemos ver no diálogo final de *Pedro*, tio de *Dulce*, com *Raul*, que, mesmo diante dos “acontecimentos”, ainda se dizia esperançoso de casar-se com aquela jovem, sem dar ouvidos ao alerta do amigo, que dizia: “Somos nós quem menos influímos em nossas vidas. [...] não se alcança tudo o que a gente deseja. Não está em nós, Raul, decidir sozinhos nosso futuro: somos arrastados na corrente” (CARVALHO, 2003, p. 224).

Através da fala desse personagem, que aparece já quase ao final do livro, o autor esboça uma breve conclusão para uma das principais indagações que a narrativa deixa no ar sobre as contradições da vida e a solução dos problemas mais íntimos e pessoais do homem, bem como da relação que este mantém com o tempo e com o espaço. O autor diagnostica uma crise do indivíduo que se traduz numa falta de fé nas capacidades

individuais de superação, ou mesmo numa descrença também nas possibilidades de transformação em nível coletivo.

Por sua vez, *Rio subterrâneo*, o último livro de ficção escrito pelo autor, é um texto fortemente centrado no fluxo de consciência dos personagens, abordando algumas inquietações e conflitos existenciais a partir da experiência de três adolescentes – *Lucínio*, *Hermes* e *Helena* – que vão se alternando no protagonismo da história ao longo da narrativa.

À semelhança do que ocorreu com o primeiro livro, esses romances trazem também um questionamento acerca da ligação do homem com a sua origem perdida, porém, desta vez, retomada pelo escritor sob uma abordagem que, em grande parte, seguiu os desdobramentos da onda pessimista⁴ que assolou a maioria das manifestações artísticas na década de 1960, no Brasil, e fez com que O. G. Rego de Carvalho mergulhasse cada vez mais no problema da subjetividade e seus conflitos.

Nesses livros, que sucederam à épica viagem de *Ulisses...*, a sensação de perda e vazio que preenche as narrativas de O. G. Rego de Carvalho não apenas permanece, como parece ter cada vez mais se agravado, conforme podemos verificar nas alegorias fantasmagóricas de *Rio subterrâneo*, ou nas ruínas de um mundo em “decadência” de *Somos todos inocentes*. Aqui, o autor diagnostica uma crise do indivíduo que se traduz numa falta de fé nas capacidades individuais de superação, ou mesmo numa descrença também nas possibilidades de transformação em nível coletivo, sobretudo, em *Rio subterrâneo*, uma espécie de texto síntese onde O. G. Rego tentou reunir em um único trabalho algumas ideias que outrora teria esboçado, separadamente, nos textos escritos até então.

Em um de seus depoimentos, ele afirma que a inspiração para escrever este romance nasceu ainda por volta de 1950, em um de seus passeios pelas margens do rio Parnaíba, na companhia de alguns amigos. “Às margens do rio, em uma quinta em Timon [cidade maranhense, localizada na outra margem do Rio], vendo passar o trem, eu disse: Escreverei um romance com este cenário”, porém, somente em 1962 é que teria encontrado “a motivação para escrever o livro tão sonhado” (CARVALHO, 2007, p. 303).

Em termos gerais, o romance tem três cenários, compreendidos pelas cidades piauienses onde o autor viveu e também de Timon-MA, contudo, como nos outros textos, tudo parece girar em torno da cidade natal.

⁴ Decorrente, especialmente, da crise das perspectivas de progresso humano advinda da década anterior, conforme foi comentado no primeiro capítulo. Sobre a crise pessimista da arte nos anos sessenta cf.: SILVA, 2007.

Entre fragmentos e ruínas:
O. G. Rego de Carvalho e os dilemas intelectuais de uma geração¹
José Maria Vieira de Andrade

Embora tenha sido o último dos textos escritos por O. G. Rego de Carvalho, *Rio subterrâneo* guarda uma maior proximidade intertextual⁵ com *Ulisses entre o amor e a morte* que *Somos todos inocentes*, especialmente em relação à épica travessia espaço-temporal percorrida pelo autor e personagens entre imagens subjetivas das cidades de Oeiras e Teresina associadas ao lamento ou à busca em torno de uma origem perdida. Ao contrário do primeiro livro, entrecortado por imagens de “doçura e encantamento” frente ao objeto contemplado, este outro texto mergulha o leitor num universo perturbadoramente habitado por imagens e figuras fantasmagóricas. Nessa narrativa, o tom nostálgico com que *Ulisses* olhava a Teresina de outrora dá lugar a uma atmosfera predominantemente sombria, angustiada e desesperadora, despertando nos personagens uma sensação de esmagamento e fraqueza.

A narrativa é perpassada por um incessante vaivém no tempo e no espaço, entre Teresina e Oeiras, entre presença e ausência, entre o mutável e o permanente, caracterização que, tanto pelos aspectos estruturais quanto temáticos, fazem do livro como um todo um ponto de permanente tensão que emerge, sobretudo, do confronto entre um mundo inserido na temporalidade, sujeito à mutabilidade e à destruição, e a busca pela constituição de um espaço ideal, livre da matéria e associado à eternidade.

Assim, mais do que descrever ou reconstruir uma fisionomia fantasmagórica para Teresina ou Oeiras, O. G. Rego de Carvalho tece em *Rio Subterrâneo* uma cartografia da(s) cidade(s) a partir dos conflitos vivenciados pelos seus personagens, seja no convívio social com amigos, seja no âmbito familiar. A existência das personagens do livro é marcada de inquietudes e por uma busca cujo objetivo, na maioria das vezes, é inconsciente. Trata-se de jovens presos à uma realidade fantasmagórica e esmagadora, mas, igualmente, diante de momentos iluminados, carregados de uma obscura ligação com os primórdios; portadores de uma verdade cujo sentido pleno parece sutilmente escapar. Tem-se aí uma experiência efêmera que, pela incapacidade de interpretá-la, provoca nesses indivíduos o ressentimento, a saudade e a culpa.

É desse modo que se encontra *Lucínio* – apontado por alguns como o protagonista do romance –, que mora em um sítio localizado em Timon, dividido entre a angústia de ver o pai doente, definhando aos poucos num quarto isolado da casa, privado do contato com a família, e a obrigação de, cotidianamente, ter de fazer a travessia do rio em direção à Teresina.

⁵ Conforme a leitura intertextual proposta por Maria Gomes Figueiredo dos Reis, *Ulisses entre o amor e a morte e Somos todos inocentes* podem ser considerados como capítulos, fragmentos, histórias que se enxertam, se reencontram, se complementam em *Rio subterrâneo*. FIGUEIREDO, Maria G. F. dos. *Rio subterrâneo: estrutura e intertextualidade*. Teresina: EDUFPI, 1995.

Entre fragmentos e ruínas:
O. G. Rego de Carvalho e os dilemas intelectuais de uma geração¹
José Maria Vieira de Andrade

Nessa tarde escura, cor de cinza, a atmosfera parecia fechar-se, impregnando-lhe os sentimentos, já desolados, dos tons soturnos da natureza. O vento gelado feria-lhe o rosto, zunindo nos coqueirais e vergando as mangueiras pendentes de frutos. O céu enegrecido por densas nuvens prenunciava desespero: o pai aos gritos, a mãe querendo acalmá-lo em vão, e ele impotente diante dessa tortura, a reprimir a dor em silêncio. “Basta de chuva”.

...

Um trovão irado rebentou no horizonte. Apenas aí compreendeu Lucínio que a chuva não cessaria logo. Todo o céu estava envolta de nuvens cinzentas e fecundas, prontas a despejar. Nenhuma estrela; nenhuma esperança. Só a noite impenetrável e densa. Figuras sóbrias ao lado – espectros, de galhos e folhas e frutos agitando-se no espesso véu das águas. Um pensamento escapou-lhe do fundo da memória: a vigília. Assustadora, a certeza de que aquela porta nunca se abria, enquanto o pai estivesse doente.

...

Lucínio detém-se à porta do quarto, ébrio pela magia das sombras que envolvem. Ruídos estranhos dominam a noite: chuva no telhado, biqueiras caindo na pedra, fora das latas; ressonâncias de folhas que se agitam, de porcos que grunhem, pios de aves agourentas, soluços perdidos (quem chorar?); cabeças-de-cuia que gemem à flor das águas inquietas – assombrações do rio. Cores nostálgicas adormecem a retina, e se acinzentam, e logo se embranquecem como o gelo, dando-lhe sentimentos frios, de solidão e esquecimentos (CARVALHO, 2003, p. 239; p. 245).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenham sido escritos em situações diferenciadas, esses três textos ficcionais possuem vários elementos em comum que, de modo particular, ajudam igualmente a tecer um panorama dos principais dilemas enfrentados pelo autor naquela época, sobretudo com relação ao tipo de experiência intelectual que pretendia realizar, além de demonstrarem uma insistente preocupação do autor com as cidades piauienses onde viveu, Oeiras e Teresina, escolhidas por ele enquanto pretexto para falar das experiências e vivências de seus personagens.

Em uma entrevista concedida a Pompílio Santos (KRUEL, 2007), O. G. Rego de Carvalho ressalta que tanto *Ulisses entre o amor e a morte* como *Somos todos inocentes* e *Rio Subterrâneo*, constituem sua “autobiografia espiritual”, ou seja, “refletem” seus sentimentos e idéias de quando os escreveu. Em todos eles, afirma o literato, “paira uma sombra de melancolia, em grau maior ou menor” (CARVALHO, 2003, p. 315). Mas essa sombra melancólica não apontaria apenas em direção a um estado patológico. Conforme ressaltou o próprio escritor, ela diz respeito a uma condição espiritual, uma angústia em relação ao tempo, a uma dada época, na qual não se depositam mais esperanças, enfim, à condição humana de um indivíduo dividido entre o passado e o futuro⁶.

⁶ Sobre a operacionalização do conceito de melancolia enquanto uma variável importante para a compreensão das mudanças culturais ocorridas no Brasil, ver: SILVA, 2007.

Entre fragmentos e ruínas:
O. G. Rego de Carvalho e os dilemas intelectuais de uma geração¹
José Maria Vieira de Andrade

Aquilo que O. G. Rego classifica como uma “sombra melancólica”, ao longo das suas narrativas ficcionais constitui a configuração de um olhar alegórico por meio do qual o escritor pensa o seu mundo, utilizando como principal argamassa desse pensamento o seu próprio fazer literário. Esse olhar se traduz numa mistura de “luto e jogo”, na tentativa de desvelar a dialética imanente de um período dividido “entre nostalgias de certezas desaparecidas e a leveza trágica do herói nietzschiano” (GAGNEBIN, 1999, p. 38), que teria de enfrentar a dura missão de ser, a um só e mesmo tempo, destrutivamente criativo e criativamente destrutivo (HARVEY, 1992).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Maria Vieira. **Entre narrativas e fragmentos**: história, literatura e experiência urbanas em O. G. Rego de Carvalho. 2009. 126f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

CARVALHO, O. G. Rego. Editorial. In: **Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, v. 3, 1950, p. 3-4.

_____. **Ficção reunida**. Teresina: Corisco, 2003.

_____. Romancista O. G. Rego de Carvalho. Entrevista concedida a Pompílio Santos. *Jornal o Estado*. Teresina, 21-22/12/1977. In: KRUEL, Kenard (Org.). **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 315 -317.

_____. Somos todos inocentes. Entrevista concedida a Tarciso Prado. In: KRUEL, Kenard (Org.). **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 202-206.

FIGUEIREDO, Maria G. F. dos. **Rio subterrâneo**: estrutura e intertextualidade. EDUFPI, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: um estudo sobre a origem da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

KRUEL, Kenard (Org.). **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007.

NIETZSCHE, Frederic. **Para além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo Cezar de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAZ, Otávio. **A outra voz**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Ed. Siciliano, 1993.

Entre fragmentos e ruínas:
O. G. Rego de Carvalho e os dilemas intelectuais de uma geração¹
José Maria Vieira de Andrade

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

QUEIROZ, Teresina de Jesus Mesquita. **Do Singular ao Plural**. Recife: Bagaço, 2006.

SILVA, Jaison. **Urbes Negra**: melancolia e representação urbana em *Noite Vazia* (1964), de Walter Hugo Khouri. 2007. 191f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

Outra fonte consultada:

Vez do Piauí. **Jornal O Piauí**, Teresina, p. 3, 29 de dezembro de 1949.

Recebido para publicação em 12/01/2015
Aceito para publicação em 10/04/2015